

A CULTURA DO VALE DO PARAÍBA

Daniela Amália Ochoa¹, Gabriella Mamede de Oliveira², Prof^a Dr^a Ana Enedi Prince³

¹ Univap - Instituto Superior de Educação - Rua Dr. Tertuliano Delphim Júnior, 181, Jardim Aquários, São José dos Campos

² Univap - Instituto Superior de Educação - Rua Dr. Tertuliano Delphim Júnior, 181, Jardim Aquários, São José dos Campos ³ Univap - Instituto Superior de Educação - Rua Dr. Tertuliano Delphim Júnior, 181, Jardim Aquários, São José dos Campos –

prince@univap.br

Resumo: Devido as suas peculiaridades, o Vale do Paraíba possui uma cultura diferenciada das demais regiões brasileiras. Este trabalho justifica-se, uma vez que essa região vivenciou, desde a chegada dos portugueses ao Brasil, práticas e costumes diferenciados das demais localidades brasileiras, e, por isso, não se concebe que muitas dessas tradições locais sejam sufocadas pela modernidade. Os objetivos almejados nessa pesquisa foram a verificação dessas manifestações culturais persistentes na região valeparaibana na atualidade.

Palavras-chave: Vale do Paraíba, Cultura Popular, Manifestação e Diversidade.

Área do Conhecimento: VII - Ciências Humanas

Introdução

A Cultura do Vale do Paraíba é considerada muito rica, pois oferece manifestações diversificadas, tais como celebrações, festas, organizações coletivas. Por meio da celebração, um povo pode incluir-se em um lugar, em um tempo e em uma história. A celebração legítima é a identidade cultural de um povo e o Vale do Paraíba resiste bravamente até o fim no que se refere as manifestações culturais.

Existe na região do Vale do Paraíba uma cultura considerada viva e dinâmica, por intermédio da qual se exprime a vida do homem Piraquara (do tupi “pira kwar”, pescaria). Segundo a definição do dicionário Aurélio Buarque de Holanda, esse é o nome que se dá aos habitantes das margens do Paraíba do Sul; Caipira; Pescador. Este homem típico do século XIX, tinha como principal fonte de sustento a pesca no Rio Paraíba do Sul.

Entre as manifestações culturais mais frequentes encontradas nas trinta e cinco cidades que compõem o Vale do Paraíba estão: Folia do Divino, Folia de Reis, Moçambique, Congada, Jongu, Catira, Dança de São Gonçalo, Dança de

Fitas, Festa de Santa Cruz, Carnaval, Malhação e Queima do Judas, Corpus Christi, e as festas dos padroeiros, como São Benedito, São Sebastião, São Pedro, Santo Antônio, São João, Bom Jesus, entre outros.

Santeiros, figureiras, ceramistas, danças, procissões e festas religiosas, tropeirismo e gastronomia também contribuem para a composição do cenário cultural do Vale do Paraíba.

Materiais e Métodos

Esta pesquisa se realizou a partir de leituras de obras do acervo da biblioteca da Univap, Biblioteca Municipal, de sites da Internet, história oral, de aulas vivenciadas da disciplina “Estudos Regionais – História, Geografia e Artes”, que abordaram a história local, literatura referente ao folclore e a cultura valeparaibana.

Resultados

Por intermédio dessa pesquisa comprovamos a riqueza cultural do Vale do Paraíba, representada nas mais diversificadas formas.

Os santeiros são, ainda hoje, artistas muito conhecidos na região valeparaibana. No século XIX, Dito Pituba tornou-se um santeiro popular na região, tendo suas obras reconhecidas.

As danças, também fazem parte da diversidade cultural do Vale do Paraíba, pois é comum observarmos passos de dança do toré (dança indígena) na Catira, na dança de São Gonçalo, ao mesmo tempo que sentimos a cadência do "vira" (dança portuguesa) nas Folias de Reis da região. Os batuques dos tambores, a alegria das rodas de Jongo, as cores das Congadas e a força rítmica dos bastões do Moçambique nos terreiros das fazendas escravas, também estão presentes na cultura da nossa região.

Os tropeiros formaram seus caminhos em um cenário de transformações históricas, e foi um movimento que intermediou o elo entre a busca pela sobrevivência, com a esperança em alcançar a satisfação do trabalho cumprido.

Nos dias de hoje, devemos lutar para não deixar morrer essa tradição, para que não sejam esquecidas, pela infinidade de seus caminhos, a sua fé aliada ao orgulho de honrar a tarefa de transportar, ao longo dos séculos, as esperanças, os "ideais" e a riqueza de nossa terra.

No Vale do Paraíba, a notável influência do ciclo do mear, das tropas e tropeiros, em sua história e folclore, deu origem ao grande número de provérbios, expressões populares e histórias que ainda hoje são de uso comum no linguajar rural e urbano, dentre esses, alguns provérbios se fazem mais presentes no nosso cotidiano.

A figura do caipira retratado pelo personagem do Jeca Tatu, entre outros, faz parte da galeria das personagens mais populares da cultura brasileira, representa o típico homem do Vale do Paraíba. Consagrado por Monteiro Lobato nas páginas de *Velha Praga* e *Urupês*, em 1914, o caipira de barba rala e calcanhares rachados do Vale do Paraíba e do Oeste Paulista, caiu, tempos depois, no gosto do povo e hoje serve de referência para dizer das pessoas que denunciam apego pelas coisas da roça.

A figura do Jeca, foi um dos motivos que levou Monteiro Lobato a se dedicar ao estudo do trabalhador rural paulista, tendo servido de motivação intelectual e artística para o estudo naturalista dos temas populares.

Mais do que uma história oficial e dos grandes acontecimentos, Lobato preconiza uma história da "gente miúda", dos trabalhadores, só possível de ser rastreada por meio das memórias.

O Vale do Paraíba é rico em diversidade étnica e cultural, além da pluralidade de identidade que se pode encontrar como índios, afro-descendentes, imigrante, sertanejo, piraquara, caçara, caipira, entre outros.

É interessante notar que ainda hoje é possível ver senhores reunidos nos mercados municipais a comprar fumo para fumar seu velho e bom cigarro de palha, e as mulheres farinhas vendendo seus produtos, como farinha, taiadas e rapaduras, ao som da viola, do som dos cânticos em romarias, novenas e procissões.

A diversidade cultural encontrada no Vale do Paraíba se funde e nos confunde, lançando-nos um desafio, que é o de encontrar a nossa própria identidade cultural, que nos faz sentir inseridos, cidadãos de nossa própria cultura.

A maior expressão do folclore de Taubaté tem endereço, é a rua da Imaculada onde as casas são coloridas e num cantinho de cada moradia a expressão da fé e da cultura popular nascem a partir do barro moldado pelas mãos hábeis de figureiras.

É uma arte passada de geração a geração, surgida em Taubaté, cidade do Vale do Paraíba, na época do Brasil Colônia, irradiada a partir do convento de Santa Clara onde, desde o século XVIII, os freis estimulavam os moradores do povoado a fazer presépios usando o barro abundante na região.

As figureiras modelam suas obras amassando o barro delicadamente com os dedos. Usam, para dar acabamento, ferramentas improvisadas, do tipo: estiletes, facas, palitos, hastes de bambu, dentre outras. Cada figura é uma peça delicada e que exige cuidado no seu preparo, sendo usado, além do barro, pedaço de sape, bambu, arames que vão ganhando colorido com tinta óleo. Desse modo, vão surgindo figurinhas que retratam tipos e cenas do povo, animais, credices e tradicionais festanças. Depois de prontas as peças são expostas de modo simples em ateliês improvisados, no fundo das casas das artesãs.

Essa atividade artística, existente desde o século XIX, tem sido transmitida de pais para filhos, por intermédio das gerações, permitindo que haja uma efetiva preservação dessa original tradição cultural, com raízes bem brasileiras.

As obras retratadas por esses artistas preservam verdadeiros tesouros de nossa nacionalidade, constituindo um importante pólo criativo da cultura popular brasileira.

Não tem como fazer referências de um povo e não citar sua gastronomia, seus hábitos alimentares, de como conseguir tirar da terra e dos animais característicos da região o seu sustento.

A região do Vale do Paraíba foi rota de penetrações desde o século XVII, sendo que suas entradas serviam como um lugar para aprisionamento de indígenas. No século XVIII,

começou o movimento das bandeiras, que pelo seu caminho iam formando os primeiros povoados e vilas e, por conseguinte, a cultura desse povo.

A riqueza dessa gastronomia se originou da mistura de várias culturas, como, por exemplo, o estreito relacionamento que os índios tinham com alimentos, como o milho, o cará, a mandioca, a batata doce, com animais típicos de nossa fauna e alguns peixes dessa região. Com os temperos e variedades de carnes, verduras e frutas, vieram do outro lado do Atlântico, algumas provenientes do continente africano e europeu, sendo, em sua maioria, vindas de nossos colonizadores, os portugueses, e essa união de culturas formou uma gastronomia que juntou o que de melhor e mais abundante tínhamos na região com o que nossos novos habitantes traziam.

Outra importante contribuição para a formação dessa cultura gastronômica foi o descaso dos portugueses em relação ao Vale do Paraíba, obrigando os habitantes dos humildes povoados que aqui existiam a encontrar alternativas alimentares com base em alimentos encontrados na natureza e nos poucos alimentos que eram trocados no comércio limitado entre as regiões mais ricas.

Um bom exemplo de utilização de alimentos provenientes da região é o freqüente consumo da Jacuba, uma papa de farinha de milho e café de rapadura, que, dependendo da escassez de algum dos ingredientes, era rapidamente substituído por outro similar encontrado. Se acaso o café acabasse, a sua ausência era suprida com a utilização apenas da água adoçada com a rapadura, ou, se o uso da farinha de milho não fosse mais possível, ela era trocada pela farinha de mandioca que era muito mais barata e abundante no Vale do Paraíba.

O Rio Paraíba não contribuiu apenas com um nome para essa região ajudou, também e muito, para enriquecer a alimentação com seus peixes e jacarés, sendo, na maioria das vezes, a única maneira de conseguir colocar algum tipo de carne nas mesas desse povo que, pela pobreza, não conseguia comprar a carne bovina que era muito cara naquela época, pois apenas o Sul tinha gado bovino.

Até esse momento, as receitas mais utilizadas ainda derivavam principalmente da influência étnica dos portugueses, dos índios e dos africanos e era usada, com freqüência, a farinha de mandioca e a de milho, essas farinhas eram, muitas vezes, acompanhadas por outros alimentos, como: couve, feijão, carne de porco, cebolas, azeite, sal, pimenta, folhas de louro, ovos, alho, abóbora, carne seca, banana, palmito, milho verde, e a própria mandioca.

Desde aquela época até agora, muita coisa mudou, mas algumas receitas, que remontam dessas épocas passadas, continuam muito

presentes em nossas vidas, as mais conhecidas são: bolinho caipira, bolinho da prima (bolinho de farinha de mandioca típico em Caçapava), farofa de iça, taiada, afogado, barreado, vaca atolada, pipoca, bolo de fubá, pamonha, curau, sorvete de milho, cocada, queijadinha, pé-de-moleque, sagu, canjica, paçoca de amendoim ou de carne seca, quentão, cachaça e garapa.

Cada um desses pratos possui história própria, como o “afogado”, que tem a fama de ser um prato forte, e tem sua origem ligada à história dos negros trazidos para a região no final do século XVIII, para trabalhar nas lavouras de café e de cana de açúcar. Nessa época, não havia rebanhos bovinos na região e os poucos bois que vinham para o vale, eram do Sul do país, o que encarecia muito, e, por esse motivo, o boi era aproveitado quase por inteiro pelos senhores dos escravos, que rejeitavam apenas as pernas, as quais eram aproveitadas pelos negros.

Discussão

Quem percorre o trecho paulista do Vale do Paraíba, eixo que liga as duas maiores metrópoles do país, não pode imaginar os aspectos contrastantes que aí se desenvolvem. Ao lado de modernos parques industriais e de importantes centros de pesquisas, subsistem até hoje pequenos núcleos de artesãos, que conservam as características de nossa mais arcaica cultura.

Entre esses artesãos, devem-se destacar os que, trabalhando o barro, produzem obras de grande beleza plástica: a cerâmica do Vale do Paraíba. A presença de grande quantidade de argila nas margens dos rios propiciou o desenvolvimento na região dessa atividade que liga profundamente o homem ao barro.

Procissões, danças folclóricas, festas de padroeiros, gastronomia regional, tropeirismo, complementam o cenário cultural que ainda persiste no Vale do Paraíba.

Conclusão

Hoje em dia, busca-se muito o resgate de nossa cultura local, e um dos meios mais utilizado para a sua concretização é as festas típicas, em que são lembradas as danças, músicas, a religiosidade, a culinária regional, etc. É difícil não encontrar pelo menos uma festa típica por ano em cada cidade, que forma nossa região, que não tenha, como principal atrativo, a comida. Por

exemplo, em Jambuí, todos os anos, é comemorada a Festa do Tropeiro, em que é servido o feijão tropeiro; em Paraíba, há a pamonhada; em Silveiras, o Festival do Içá; dentre tantas outras festas.

O Vale do Paraíba, por intermédio dessas manifestações de cultura popular, resultante, principalmente, da exótica mistura indígena, africana e européia de nosso país, demonstra o real significado da cultura popular brasileira.

Referências

- ALVES, João Teodoro. **Paraíba do Sul, rio sagrado: Ensaio fotográfico sobre a cultura piraquara no Vale do Paraíba**. São José dos Campos: J.t.alves, 1997. S.P

- BAUMGRATZ, Jacqueline. **Cultura Popular do Vale do Paraíba**. Modelo, 2005.

- Disponível em:
<http://www.valedoparaiba.com/noticiasregionais/noticia080802.asp>. Acesso em 21 de fevereiro de 2006, às 11 horas.

- Disponível em:
http://www.valedoparaiba.com/terragente/coisasda terra/folclore/arte_barroca.asp. Acesso em 21 de fevereiro de 2006, às 10h26min.

- Disponível em:
<http://www.valedoparaiba.com/terragente/coisasda terra/folclore/figureiras-taubate.asp>. Acesso em 21 de fevereiro de 2006, às 10h24min.

-MACHADO, João Luís de Almeida. *A gastronomia valeparaibana em sua gênese*. Coluna: De olho na história. Disponível em:
<http://www.planetaeducacao.com.br/new/colunas2.asp?id=417>

- MAIA, Thereza e MAIA, Tom. **Vale do Paraíba – Festas Populares**. Centro Educacional Objetivo, Papel Simão, e Fundação Nacional do Tropeirismo. 1999.

- MINC, Carlos. *É preciso salvar o Rio Paraíba*. Coluna: Notícias. Disponível em:
<http://www.gabeira.com.br/noticias/noticia.asp?id=1214>. Acesso em 12 de maio de 2006, às 10h50min.